

Práticas epistolares: cartas de amor no século XX

Carla Rodrigues Gastaud¹

Abstract: This paper is about love letters, more specifically, it is about the first thirty of many letters, these written in the years of 1934 - 1938, by Antônio to Rita, in the beginning of their relationship. Love letters, like any other, should start by stating date and location where they were produced. That is followed by the salutation, that is the way the loved one will be addressed. This will change according to the deepening or cooling of the relationship. Expression of affection at the end also change, writing 'hugs' or 'kisses' as final words may be a very difficult decision. Themes dealt with in this letters are usually related to daily issues: life as a student, domestic affairs, leisure activities allowed to boy friend-girl friend, among others. One recurring theme is the letters themselves: the writing, paper, pen, size, replies, the state of mind of the writer, the place where it is being written, and the peculiarities of the post.

Palavras-chave: escritas de si, escritas auto-biográficas, cartas

Key words: auto-biographical writings; writings; letter

As cartas são documentos indiciadores de um certo modo de escrever e de ler, de uma certa competência gráfica, re-significados no processo de estudá-los. O conjunto epistolar, que estudo aqui, é formado pela correspondência mantida por Rita e Antônio², namorados, depois esposos, residentes um em Porto Alegre e outro em Pelotas, durante o período de namoro, nas décadas de 1930 e 1940. A especificidade deste conjunto está em ser formado pelas cartas dos dois correspondentes. São mais de quatrocentas cartas³, ainda em seus envelopes, organizadas por ano, em maços atados por fita. Estão guardadas em duas caixas, as dela em uma e as dele em outra. É possível que a própria Rita tenha realizado a tarefa de organizar as cartas. A neta – atual guardadora das cartas – conta que após a morte de Antônio, a avó selecionou as cartas (e pode ter excluído algumas) e as organizou por ano, em pequenos maços atados com uma variedade de linhas e cordões. Na “caixa de Antônio” existe também uma lista manuscrita por D. Rita das cartas que ela contém.

A relação do pesquisador com o material empírico é ao mesmo tempo de imersão e de estranhamento. Binômio antitético. O desafio está em como alcançar uma imersão razoável no tema da cultura escrita e das práticas de correspondência e buscar, ao mesmo tempo, o

¹ Professora do ICH/UFpel
Doutoranda no PPGEdu/Ufrgs

² Os nomes são fictícios.

³ Até o momento foram transcritas 314 cartas da “Caixa de Cartas de Antônio” que iniciam no ano 1933 e vão até 1944.

estranhamento “como antídoto contra a banalização” (GINZBURG, 2001, p. 41), contra a excessiva familiarização com o objeto

O material epistolar constitui um lugar diferente para perceber as formas diversas de aproximação com a cultura escrita e pode oferecer uma oportunidade ímpar para mapear as práticas complexas, implicadas nas correspondências, para além de sua aparente simplicidade.

Escolhi, neste artigo, trabalhar com algumas das cartas da “caixa de Antônio”⁴, mais exatamente, com as trinta primeiras cartas escritas por Antônio para Rita escritas entre o ano de 1934 ao de 1938 e acompanham o começo e o desenvolvimento do namoro no período em que ele estudava em Porto Alegre e ela morava com a família em Pelotas. Vou falar aqui de cartas de amor.

Cartas de amor são cartas de amor. Sabemos o que esperar quando se trata de cartas de amor. Sabemos? Sim e não.

Sabemos, sim, que devem iniciar por nomear, carinhosamente, o destinatário como “meu amor”, “meu querido”, “minha amada imortal”, “amado meu”, “coração”. Que devem ser açucaradas, ternas, sinceras (ou parecer sinceras) e capazes de despertar sentimentos doces, ternos e sinceros. Reconhecemos, sem pensar duas vezes, a gramática das cartas e das cartas de amor. Sabemos como devem ser.

Por outro lado, não sabemos como devem ser as cartas de amor. Consultei alguns modelos de cartas de amor oferecidos ao público (na internet ⁵, nos manuais⁶). Esses modelos não são nem ternos, nem comoventes e, ao contrário do que eu imaginava, não contam uma história em que todos e qualquer um possam ocupar o lugar de protagonista.

Um manual oferece, no capítulo “Cartas de Amor”⁷, modelos de cartas para aceitar a corte, para dar esperança ao pretendente, para recusar a corte, para desiludir o rapaz, para expressar saudades, para confirmar o amor e expressar saudades, para exprimir desgosto e ciúme, chegando ao detalhe – anunciado no título do Modelo 10 - “Carta de um apaixonado a namorada, a quem escreve diariamente”, explica-se o romântico correspondente:

Amanhã escreverei de novo, e depois de amanhã outra vez, e assim todos os dias, de modo que haja cotidianamente, por assim dizer, um encontro epistolar nosso e,

⁴ A caixa de Antônio contém a parte do acervo denominado Família Gama constituída pelas cartas enviadas a Antônio por seus familiares durante o período em que ele estudava em Porto Alegre e pelas cartas enviadas por Antônio a Rita.

⁵ http://www.comamor.com.br/cartas_de_amor.asp

⁶ PÁDUA, L. A. Cartas para todos os fins. Rio de Janeiro: Multilivros, 1983.

⁷ São trinta e dois modelos de cartas de amor PÁDUA, L. A. Cartas para todos os fins. Rio de Janeiro: Multilivros, 1983, p 121 a 152.

lendo-me, será como se me ouvisse e eu falasse a você, e assim nos entenderemos, agora e para sempre. (PÁDUA, 1981, p130)

É difícil imaginar modelo ou modelos para cartas de amor diárias. Cartas de amor devem mostrar espontaneidade e parecer um tanto desarrumadas⁸, essa desarrumação é um indício da perturbação em que se encontra – ou deveria se encontrar - o autor, missivista apaixonado. Entretanto, são as cartas de amor o objeto privilegiado⁹ dos manuais epistolares. Como copiam cartas espontâneas?

As cartas de Antônio são freqüentes, mas não são diárias e, mesmo que se enquadrem na particular duplicidade da carta de amor, o que a faz ao mesmo tempo vazia (codificada) e expressiva (cheia de vontade de significar o desejo), como descreve Barthes (1981:32 e 33), são (quase) sempre comoventes. As cartas de Antônio não são (quase nunca) ridículas¹⁰. São delicadas. São carinhosas. São tolas. São minuciosidades do relacionamento colocadas no papel, e mesmo com as lacunas evidentes da correspondência, (não há cartas para o ano de 1937), se pode assistir, através das cartas, ao desdobrar do namoro.

Envelopes, correios, papéis, penas, canetas, lugares de escrever, lugares de guardar, vários aspectos da materialidade das práticas de correspondência estão presentes neste material empírico. Indicadores importantes revelam detalhes da época em que as cartas foram escritas.

Os envelopes da correspondência de Antônio, por si só, já apresentam uma série de elementos que enriquecem as possibilidades de análise. Como os endereços, que mostram hábitos da época. Antônio, então estudante, morou em hotéis ou pensões, como era costume inclusive, das famílias. Várias cartas têm o Hotel Majestic¹¹ como endereço do remetente? A maioria deles traz a indicação PAR AVION e uma borda azul e vermelha, e em vários se pode ler a companhia aérea - PANAIR. Muito significativo é o carimbo da censura aposto aos envelopes das cartas enviadas na década de 1930, período do Estado Novo.

As cartas de Antônio seguem um protocolo e uma mise-en-scène que parecem ter sido bastante claros para os correspondentes. Os primeiros contatos epistolares entre os dois se dão através de cartões. Os cartões permitem “sondar o terreno”, quando o namoro ainda não se estabeleceu, sem comprometer os correspondentes (afinal, escrevem-se cartões às velhas tias), o espaço que oferecem para a escrita é limitado, mais fácil de preencher neste momento tenso do início do relacionamento.

⁸ O que Martyn Lyons chama de desarrumação planejada (1990, p. 60).

⁹ A correspondência galante é a mais exposta ao risco que uma cópia muito servil do manual representa, conforme Pouban, 2000, p.112.

¹⁰ Apesar do “Todas as cartas de amor são ridículas” do poeta. Ver nota 48 infra.

¹¹ A atual Casa de Cultura Mário Quintana, em Porto Alegre.

Antônio, escrevendo num cartão estampado com gatinhos¹², explica: “Desculpe-me se não respondi o cartão que me mandaste e muito apreciei, mas acontece que eu ando um tanto atrapalhado. Bem sabes que não costumo demorar em responder-te, pois tenho um grande prazer em receber cartas tuas.”¹³ No cartão seguinte Antônio queixa-se “Após ter recebido o teu cartão que muito apreciei, e logo respondi, não respondi mais nenhuma cartinha tua. Estarás tão ocupada? Não leves a mal eu estar a reclamar, mas aprecio tanto as cartas que recebo, principalmente as tuas.”¹⁴ E comenta ao final: “Hoje vão rosas ou flôr parecida. Recebeste o gatinho que te mandei? Escreve-me sim.”¹⁵ As estampas dos cartões tornam-se tema da correspondência como também se pode ver no cartão bastante posterior, quando o namoro já parece estar mais consolidado, Antônio diz: “Mês que vem tem provas, e é por isso que agora te escrevo apenas este cartão onde vês Porto Alegre, cidade que segundo me disseram tens grande vontade de ver”¹⁶.

Os cartões parecem ser utilizados também quando o tempo é curto para escrever: “Faltam hoje 25 dias para as minhas provas. Estes dias devem ser aproveitados. Não tenho tempo para escrever uma carta, e por isso em lugar desta mando-te o Grande Hotel”¹⁷. Diante das diversas referências às estampas dos cartões, se pode especular que, além da insuficiência de intimidade e de tempo para escrever, uma terceira razão, a falta de assunto, também levaria o correspondente a optar por escrever um cartão. Que possibilitaria discorrer por um ou dois parágrafos sobre o tema do cartão enviado.

Uma carta sem resposta é uma descortesia. Mais do que isso, pode parecer uma traição ao pacto que se firma entre os correspondentes. Escrever ao ausente dá início ao pacto epistolar, responder a carta recebida o consolida, assim como deixar de fazê-lo constitui uma ruptura. Para o casal correspondente, e para a maior parte dos correspondentes, qualquer atraso nas respostas deveria ser cuidadosamente justificado. Na falta de uma boa explicação, sempre se poderia culpar o correio.

A conexão entre autor e destinatário de uma carta afirma a característica dialógica do comércio epistolar¹⁸, a carta é produto desta relação e os correspondentes são protagonistas dela. No caso das cartas de amor, a reciprocidade e a prontidão da resposta são ainda mais importantes, constituem condição essencial para o sucesso do relacionamento.

¹² O que comenta no cartão de 2-06-1934.

¹³ Cartão de 22/05/1933. Primeira correspondência de Antônio para Rita, encontrada na “Caixa”.

¹⁴ Cartão de 2/06/1933.

¹⁵ Idem Ibidem.

¹⁶ Cartão de 18-10-1934.

¹⁷ Cartão de 14-10-1934.

¹⁸ Algumas cartas de cerimônia ou de caráter profissional às vezes dispensam a resposta.

O tempo da resposta é um tema recorrente na correspondência de Antônio para Rita, e pode-se dizer que é um assunto frequente em todas as cartas com que já trabalhei: a rápida resposta, a ausência de resposta, a demora na resposta, e as subsequentes e inevitáveis explicações pela demora, justificativas pela falta, e cobranças pelo não recebimento da resposta esperada, são assuntos constantes. Não resposta é ausência e ausência é “todo o episódio de linguagem que põe em cena a ausência do objeto amado – qualquer que sejam a causa e a duração – e tende a transformar essa ausência em prova de abandono” (BARTHES, 1981, p 27). As cartas são a presença do amado, a falta de cartas, a ausência, o abandono. O tema aqui é, portanto a ausência e essa ausência é diferente da distância – grande ou pequena, não importa – que dá ensejo à troca epistolar.

Todas as cartas pedem resposta. A carta de amor espera sua resposta, escreve Barthes, obriga o outro a responder, a falta de resposta altera a imagem do outro. Como explica o jovem Freud a sua noiva: “não quero que minhas cartas fiquem sempre sem resposta e não te escreverei mais se você não me responder” (BARTHES, 1981, p 33).

Albert Einstein, escrevendo a Mileva Maric’, numa carta que versa praticamente na íntegra sobre a correspondência que os dois mantêm, explica-se

Mil agradecimentos por sua carta. Teria respondido antes, mas saí em expedição pelas montanhas com o dono de nosso hotel (...) Espero que tenha recebido minha primeira carta, ainda que não tivesse muita importância, caso contrário teria com toda certeza nutrido um amargo ressentimento por mim e considerado-me um preguiçoso infiel. (RENN e SCHULMANN, 1992:49)

As cartas de Antônio também pedem resposta. Ele afirma: respondo-te logo pois tenho grande prazer nas tuas cartas, logo se infere, respondo-te para que possas responder-me breve. Para desculpá-la pelo atraso de uma carta esperada e reclamada na anterior, Antônio escreve: “Recebi hoje por intermédio de uma carta do Ernani, um cartão e o teu retrato e da Leninha. (...) Já estava aborrecido de não receber resposta da tua parte, mas o Ernani contou me que ele é que foi o culpado”¹⁹. Ser um portador é um ato de responsabilidade.

No início de cada carta, as desculpas são praxe, demorei a responder-te por que...; não repares nessas poucas linhas...; escrevo-te rapidamente para não te deixar sem resposta. Antônio escreve: “Não repares que somente hoje venha responder teu cartão que bastante

¹⁹ Porto Alegre, 9 de junho de 1933.

apreciei e ainda mais por não teres demorado a responder”²⁰ ou, ainda, “espero embarcar lá pelo dia 19 e aí conversaremos melhor. Não respondi tua ultima carta porque tencionava embarcar a 12 e portanto por 2 semanas não valia a pena, A resposta a esta carta não precisa mandar. Receberei o meu perdão no dia da chegada”.²¹

Além das escusas e justificativas, das queixas e reclamações, a demanda por resposta aparece de outras formas. “Só quero vêr quando respondes estas rápidas linhas. Podes responder pouco, mas responde. Tem paciência com o ‘implicante’ ”²².

A falta de cartas - ausências da amada – suscita dúvidas. Escreve Antônio: deves estar admirada da minha demora e talvez essa terrível imaginação esteja fazendo um mau juízo de minha pessoa”, como explicação acrescenta, mudou-se, e pede, “não copies o mau exemplo, mesmo porque creanças bem comportadas não seguem os maus exemplos”²³.

No livro em que publica as cartas de Tarsila do Amaral e de Anna Maria Martins a Luís Martins, Ana Luisa Martins reproduz cartas em que Anna Maria pede ao “Meu querido Luis”, depois seu marido, “escreva-me logo”²⁴. Anna Maria organiza estratégias para burlar a vigilância familiar sobre as cartas que dirige e recebe de Luis Martins: “Meu bem, acho melhor você mandar uma carta aqui para a minha casa”²⁵, e esclarece,

como sabem que continuo me correspondendo com você e não vêem suas cartas chegando, podem desconfiar que você as esteja enviando para a casa da M. Antonietta. Não quero colocá-la em situação desagradável por isso peço-lhe que escreva pra cá uma ou 2 cartas e depois continue mandando para a casa dela. (MARTINS, 2003, 209)

A família tinha conhecimento de que havia troca de correspondência entre os dois, não sabemos se a carta seria confiscada ao chegar, se seria apenas lida por alguém para controle de seu conteúdo, ou se haveria uma leitura para o grupo familiar. De qualquer maneira, o fato de que depois de satisfeita a exigência de eximir a amiga da suspeita de cumplicidade, a correspondência continuaria a ser enviada para outro lugar, indica que a carta remetida para o endereço familiar deveria ser escrita de modo a suportar os olhares da família.

No que se refere à forma de tratamento, a primeira carta²⁶ escrita por Antônio inicia por “Querida amiguinha Rita” e encerra com “Sem mais, aceita muitos abraços cheios

²⁰ Porto Alegre, 26-5-1935.

²¹ Porto Alegre, 6-6- 1936.

²² 15-4-1935.

²³ 2-8-1936.

²⁴ MARTINS, AL. 2003: 136.

²⁵ MARTINS, AL. 2003:209

²⁶ Porto Alegre, 22 de maio de 1933.

de saudade do amiguinho sincero, Antônio”. As seguintes seis cartas²⁷ repetem exatamente os diminutivos –amiguinho/amiguinha – e as cinco que se seguem mantêm esse protocolo com pequena variação: a destinatária continua sendo a “Amiguinha Rita” enquanto Antônio despede-se com “Muitas felicidades nos estudos e muitos abraços do Antônio”²⁸, “Abraço do amiguinho certo”²⁹, “Esperando a tua resposta abraça-te o amiguinho Antônio”³⁰, “Felicidades e até o fim do mês”³¹, “Abraço do amigo mais que certo”³² e, encerrando esta etapa do namoro epistolar, “até lá aceita muitos abraços cheios de muita amizade do Antônio”³³. As variações nas despedidas de Antônio se limitam a ir de amiguinho para amigo, amigo certo, amigo sincero e passam a incluir muitas vezes “abraços”.

A carta seguinte, seis meses distante da última de que disponho, inicia de forma definitiva, por “Querida Rita” - declarando a mudança que se deu no relacionamento durante o período para o qual não há cartas - mas termina do modo habitual por “Abraça desejando como sempre todas as felicidades o amigo muito certo, Antônio.” A partir dessa carta, todas iniciarão por variações em torno de “Querida Rita” e “Minha Rita muito querida”. A forma de tratamento mais inusitada utilizada por Antônio nesta etapa do romance epistolar é “Querideza”³⁴, ainda uma alteração do querida habitual. As despedidas não apresentam uma variação (ou seria um avanço), tão significativa, mas, paulatinamente, o “amigo” desaparece e Antônio passa a despedir-se com ousadas insinuações do tipo “abraça-te com muita saudade e”³⁵, e “abraça-te com muita saudade e algo mais o Antônio”³⁶, anunciando o aprofundamento do relacionamento.

Nesta mesma carta, a do “algo mais”, há também uma referência interessante, em meio a comentários, usuais nas cartas, sobre os filmes assistidos na semana, Antônio comenta “dizes-me que foste ao cinema vêr os “Últimos dias de Pompeia”. Não é má. Recomendo-te “Mazurka” com Pola Negri. É maravilhosa, uma das melhores fitas do ano”, e acrescenta, “vi também “Historia de Louis Pasteur” que também deves ver e estudar bem a

²⁷ Todas se iniciam com Porto Alegre, seguido pela data: 2-6-1933; 9-6-1933; 27-9-1933; 14-11-1933; 8-12-1933; 26-3-1934.

²⁸ Porto Alegre, 18 de outubro de 1933.

²⁹ Porto Alegre, 15-04-1935.

³⁰ Porto Alegre, 26-05-1935.

³¹ O “até o fim do mês” anuncia a proximidade das férias em que os correspondentes estariam na mesma cidade já que Antônio, estudante de medicina em Porto Alegre, costumava passar a férias com a família em Pelotas

³² Porto Alegre, 03-11-1935.

³³ Porto Alegre, 14-11-1935.

³⁴ Porto Alegre, 19-04-1938.

³⁵ 2-8-1936. As reticências são da lavra de Antônio.

³⁶ 22-9-1936

atuação da mulher junto ao marido”, insinuando um possível futuro matrimonial e a conduta esperada das esposas.

O ano de 1937 é um vazio de cartas. O maço perdeu-se por acaso? As cartas não foram guardadas? Foram queimadas? Não existiram? Os namorados estavam brigados? Moraram na mesma cidade naquele ano? Ainda não há respostas e talvez nunca haja.

Ao primeiro olhar a carta inaugural do ano de 1938 mostra uma grande virada, embora seja impossível determinar quando se deu a mudança já que esta virada aparece na primeira carta depois de um vazio de mais de um ano. A carta inicia com

Muito querida Rita
Coração

e, no correr da carta, Antônio escreve: estou tão feliz que “se estivesses aqui te dava até um beijo”³⁷. É a primeira vez que a palavra beijo aparece nas cartas, e, as despedidas confirmam a mudança ocorrida

Escreve coração e recebe um grande abraço e um longo beijo de quem te quer mais do que nunca.

Antônio

A carta seguinte prossegue no mesmo diapasão “as 4 horas chegou a tua carta, o guri do elevador veio traze-la. (...) Li varias vezes e dei uma montoeira de beijos na tua carta”, e voltando ao tema dos beijos, “O retrato eu meti no passepartout que eu tinha niquelado. Achei uma bôa idea porque senão o retrato já estaria gasto das minhas mãos e dos meus lábios”, as despedidas também mantêm o padrão estabelecido na carta anterior, “beija-te com muito amor quem só pensa em ti”.³⁸

Em poucos meses as expressões de afeto, nas despedidas, tornam-se mais físicas e mais descritivas, como em “aceita querideza um abraço e um beijo daqueles que até nem é bom falar, do Antônio”³⁹, e “Coração, não sei se a carta esta bôa pois foi escrita muito as pressas e eu peço desculpas pela letra e recebe uma porção de beijos e abraços de quem te quer dar um montão em junho”⁴⁰ e, ainda, para “recebe coração um beijo muito apaixonado do Antônio”⁴¹, culminando na mais descritiva (até aqui) de todas as despedidas,

³⁷ 11-3-1938.

³⁸ 24-3-1938.

³⁹ 19-4-1938.

⁴⁰ 24-3-1938.

⁴¹ 24-7 1938

Querideza aceita um grande abraço e um longo beijo de quem espera aquecer um pouco a alma no calor do teu amor e do teu carinho, no ninho de tuas mãos e no bafo morno dos teus lábios que mais uma vez beijo com todo o meu amor.

Antônio

A carta, para o enamorado, tem valor tático (Lyons, 1999, p. 60), e se apoia em recursos de estilo para tentar produzir no destinatário a impressão desejada.

Cartas prontas são ridículas. Mas as cartas de amor escritas por Albert Einstein, que são pessoais e não parecem ser copiadas de nenhum manual, também são ridículas: ele escreve poeminhas ruins, ele chama a namorada de Boneca, ele se assina Johnnie (sim, o gênio da Teoria da Relatividade também escreveu cartas de amor ridículas). Como exemplo:

*Minha querida boneca,
Porque escrevo no leito,
A carta demanda esforço!
Mas persisto sem repouso
Para a boneca ler com gosto!
Como queria que chegasse logo o dia de nosso reencontro em Zurique, meu tesouro!
Milhares de lembranças e grandes beijos de seu
Johnnie. (RENN e SCHULMANN, 1992:59)*

Cartas de amor são cartas de amor. Sabemos o que são e o que esperar de cartas de amor. Cartas de amor, como todas as cartas, devem iniciar pela data e pelo local em que foram escritas. Segue-se a isso o que aparece nos manuais como “invocatória”, neste caso, a forma carinhosa pela qual se trata o amado, que mudam de acordo com o aprofundamento ou esfriamento do relacionamento. As expressões de afeto nas despedidas também se modificam, enviar abraços ou beijos ao final pode ser uma decisão muito difícil.

Para Antônio e Rita os cartões parecem ter sido frequentes no começo, oferecendo, ao mesmo tempo, um espaço pequeno para escrever, conveniente quando a intimidade ou o tempo são limitados, e assunto, na medida em que se pode discorrer sobre a imagem do cartão.

Os assuntos tratados nas cartas são do dia-a-dia: o cotidiano de estudante, a saúde dos correspondentes e de suas famílias, o andamento doméstico, os lazeres permitidos aos namorados separados (principalmente o cinema, mas, também, livros, lidos e comentados e festas familiares), e, com o desenrolar do relacionamento, o amor e as expectativas em relação ao namoro e, mais tarde, ao noivado. Um tema recorrente nas cartas é constituído pelas próprias cartas: a letra (boa, ruim, sem rascunho), o papel (com marca d'água, que acaba, que é pequeno), a pena (ruim, nacional, que não presta, a lápis), a extensão (curta,

apenas um bilhete, boa), o estado de espírito do correspondente no momento de escrever (estou triste, estou animado, estou com sono), o lugar de onde escreve (na mesa, na cama, no colo), as peculiaridades do correio (termino porque a mala fecha as 3 horas, o vapor vai na quarta-feira, o portador está a espera).

As respostas, esperadas ou recebidas, também são seguidamente comentadas, a assiduidade dos correspondentes é uma condição essencial da correspondência amorosa. Não escrever é abandonar.

Há um poema⁴² de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa, que fala das cartas de amor, ridículas é claro, como o são todas as cartas de amor. Afinal, diz o poeta, ridículo é o sentimento (esdrúxulo) que lhes dá origem. Devo confessar que tenho saudades de cada carta de amor que não recebi ou escrevi.

Referências:

- BARTHÉS, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.
- GINZBURG, Carlo. *Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- LYONS, Martyn. Práticas de leitura, práticas de escritura. Cartas de amor e escritas íntimas – França e Austrália, século XIX in LYONS, M. e LEAHY, C. A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999.
- MARTINS, AL. *Aí vai meu Coração*. São Paulo: Ed. Planeta, 2003.
- PÁDUA, L. A. *Cartas para todos os fins*. Rio de Janeiro: Multilivros, 1983.
- PERROT, Michele. A vida em família. In: PERROT, M. (Org.). *História da vida privada, v.4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- PERROT, Michele. *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- POUBLAN, Cecile. *Prête-moi ta plume... Les manuels épistolaires au XIXe siècle*. Paris, Klimé, 2000.
- RENN, Jürgen e SCHULMANN, Robert (org). *Albert Einstein/Mileva Maric': Cartas de Amor*. Campinas: Papyrus, 1992
- SIERRA BLÁS, Verónica. *Aprender a Escribir Cartas. Los Manuales epistolares em la Espanha contemporânea (1927-1945)*. Ediciones TREA, 2003.

⁴² Todas as cartas de amor são ridículas. Não seriam cartas de amor se não fossem ridículas. Também escrevi em meu tempo cartas de amor, como as outras, ridículas. As cartas de amor, se há amor, têm de ser ridículas. Mas, afinal, só as criaturas que nunca escreveram cartas de amor é que são ridículas. Quem me dera o tempo em que escrevia, sem dar por isso, cartas de amor ridículas. A verdade é que hoje, as minhas memórias, dessas cartas de amor, é que são ridículas. (Todas as palavras esdrúxulas, como os sentimentos esdrúxulos, são naturalmente ridículas.) poema de Álvaro de Campos, heterônimo de Fernando Pessoa.